

# PORQUE SOU CONTRA A “FOME” NA ATUALIDADE?

Renato Almeida de Andrade<sup>1</sup>

*"A fome é a fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozida, que se come com faca ou garfo, é uma fome muito distinta da que devora carne crua, com unhas e dentes."*  
Karl Marx, 1982, p. 9.

Alguém que faça uma leitura apressada da epígrafe poderia imaginar que Marx está apenas opondo uma fome humana a uma fome bruta, animal. Marx está fazendo muito mais que isso: também está mostrando como a fome foi capturada historicamente e se apresenta de forma muito distinta hoje sob a ótica do capitalismo. A fome sob o capitalismo mostra um dos lados mais desumanos do sistema, pois os alimentos são transformados em “mercadorias” e só terão acesso aos alimentos aquelas pessoas que puderem pagar por eles ou que os recebam como doações. Neste mundo burguês, criado à imagem da burguesia, quem não puder pagar pelos alimentos ou recebê-los como doação estará fadado à morte, pois as “mercadorias” circulam por todo o planeta, mas o dinheiro para a compra delas não está em todos os bolsos.

A necessidade de mercados sempre crescentes para seus produtos impele a burguesia a conquistar todo o globo terrestre. Ela precisa estabelecer-se, explorar e criar vínculos em todos os lugares [...]. Sob ameaça de ruína, ela obriga todas as nações a adotarem o modo burguês de produção; força-as a introduzir a assim chamada civilização, quer dizer, se tornarem burguesas. Em suma, ela cria um mundo à sua imagem e semelhança (MARX, 2008, pp. 14-15).

De acordo com Jair Bolsonaro, “falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira, é um discurso populista” (JIMÉNEZ, 2019). Ao contrário do que diz o Presidente da República, a fome existe hoje no Brasil e pode ser verificada no relatório “O Estado da Segurança Alimentar e a Nutrição no Mundo” publicado em 2018 pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO/ONU), no qual se afirma que 5,2 milhões de pessoas passam fome no Brasil (FAO, 2018, p. 147).

Podemos ter mais clareza sobre a situação da fome no Brasil quando verificamos e acompanhamos “*in loco*” a escalada dos preços dos alimentos nas prateleiras dos supermercados, nas grandes mídias e inclusive em “posts” nas redes sociais. O governo federal

---

<sup>1</sup> Doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Membro do NET - Núcleo de Estudos do Trabalho (UFES). Pós Doutorando pela University of Massachusetts - Boston.

preferiu colocar a culpa nos mais pobres<sup>2</sup>, dizendo que nesse momento eles estão comendo mais, por isso há aumento da demanda e em consequência ocorre o aumento nos preços.

Para compreendermos melhor como o momento atual pode ser entendido dentro de uma perspectiva crítica e de totalidade é preciso termos clareza de como a questão da fome foi tratada historicamente. No passado muito remoto, quando os seres humanos viviam como nômades pelo mundo, eles permaneciam em determinadas regiões enquanto estas possibilitavam encontrar água e alimentos suficientes para sua sobrevivência. Com o passar do tempo estes itens vitais para a sobrevivência se tornavam escassos e os humanos precisavam se locomover (eram nômades) para outros lugares em busca de água e alimentos. A dificuldade de saciar a fome já existia, pois não havia abundância de alimentos em apenas uma região.

Com o surgimento da agricultura e a domesticação dos animais, tanto para alimentação humana quanto para auxiliar no trabalho, o nomadismo foi diminuindo e o ser humano foi se fixando em determinadas regiões da Terra. Plantar e colher contribuiu para diminuir em muito a possibilidade de os indivíduos passarem fome, porém em determinados momentos de grave seca ou de pragas que atacassem os produtos agrícolas, a fome voltava a bater na porta das pessoas.

A produção de alimentos da época, não alcançava a totalidade da necessidade que os humanos possuíam. Muitos capitalistas podem querer se vangloriar hoje, pois com advento do capitalismo, da produção em massa para o consumo em massa, ocorreu a redução da fome no mundo, mas isto não é toda a verdade. Com o advento do capitalismo e a criação das “mercadorias”, todos os produtos frutos do trabalho passaram a ter um preço, passaram a ser vendidos dentro do “mercado” capitalista. Quais as implicações deste fato quando falamos de fome? A fome que vivemos hoje é diferente do período do pauperismo, este que se constituiu no aspecto mais imediato da instauração do capitalismo em seu estágio industrial concorrencial. Percebeu-se logo que este pauperismo se tratava de um fenômeno novo, sem precedentes na história da humanidade. O tipo de pobreza que então se generalizava era radicalmente novo.

*Pela primeira vez na história registrada, a pobreza crescia na razão direta em que aumentava a capacidade social de produzir riquezas. Tanto mais a sociedade se revelava capaz de progressivamente produzir mais bens e serviços, tanto mais aumentava o contingente de seus membros que, além de não ter acesso efetivo a tais bens e serviços, viam-se despossuídos das condições materiais de vida de que dispunham anteriormente (NETTO, 2001, pp. 42-43. Grifos nossos).*

---

<sup>2</sup> "É a questão da lei de oferta e procura. Uma porção de gente comprando porque o dinheiro que o governo injetou na economia foi muito acima daquilo que as pessoas estavam acostumadas. Tanto que está tendo grande compra de alimentos e material de construção" (LINDNER, 2020, on-line).

Dentro do “mercado” capitalista todas as “mercadorias” têm um preço, precisam ser compradas antes de serem consumidas. Os seres humanos que conseguem vender a sua força de trabalho para os “empregadores”, dentro deste sistema, deste “mercado”, obtêm dinheiro na forma de salário. Esse salário é parte do que este trabalhador produziu e lhe foi devolvido pelo “empregador”. Com esse dinheiro o trabalhador compra a água e os alimentos de que necessita para sobreviver. Mesmo trabalhando muito, mesmo que muitas pessoas de uma mesma casa também trabalhem, continuam existindo inúmeras famílias brasileiras que não conseguem comprar todos os gêneros alimentícios de que necessitam para que não permaneçam sentindo fome.

Para entendermos o uso das aspas (“”) na palavra fome no título deste texto é preciso dizer que não há como impedir que as pessoas sintam fome, que as pessoas tenham a sensação de fome, pois isso seria uma interferência na biologia do ser humano, porém dentro da nossa sociedade existe a possibilidade de saciar a fome de todas as pessoas do planeta, visto que a produção de alimentos mundial é de um total de 2,5 bilhões de toneladas de grãos (FAO/ONU) e a população mundial é de 7,7 bilhões de pessoas (ONU) o que equivale dizer que cada pessoa poderia receber 324 Kg de grãos anualmente. A produção de carne bovina, avícola e suína foi de 310 milhões de toneladas em 2020 (FAO/ONU), perfazendo um total *per capita* ao ano de 40 Kg no mundo. O volume de pescado chegou a 179 milhões de toneladas em 2020 (FAO/ONU), perfazendo um total *per capita* ao ano de 23 Kg no mundo. O total de frutas produzidas foi de 830 milhões de toneladas em 2017 (FAO/ONU), perfazendo um total *per capita* ao ano de 107 Kg no mundo. Junto destes números é preciso lembrar que para o preparo de muitos alimentos se acrescenta água (também transformada em “mercadoria”) ao processo, aumentando o volume dos alimentos ingeridos. Nestes cálculos não foram inclusos verduras, legumes, ovos e derivados do leite, e assim percebemos que não falta comida no mundo. O que falta é uma distribuição mais igualitária desses alimentos e falta dinheiro na mão de muitos seres humanos para comprar essa “mercadoria alimento”, pois toda essa comida aqui relatada seria suficiente para resolver o problema da fome mundial.

Apresento mais uma dúvida: por que em uma sociedade como a nossa - avançada tecnologicamente, tendo altas taxas de produtividade de alimentos -, muitos homens, mulheres e crianças continuam sentindo fome e sem ter a mínima noção de quando poderão saciar suas necessidades? Para essa resposta não precisamos escrever mil páginas explicando o porquê desse tipo de fome na atualidade, o que precisamos deixar claro é que dentro do capitalismo e para os capitalistas o mais importante é o lucro, não a vida das pessoas. É importante frisar o que já afirmamos antes: os alimentos têm um preço e para comprá-los no “mercado” as pessoas

precisam de dinheiro, mas nem todas conseguem vender sua força de trabalho e receber seu salário para compra destes alimentos. Também é importante frisar que o salário, muitas vezes, não é suficiente para a compra de todos os alimentos necessários para que as pessoas/famílias não passem fome.

Um elemento importante do capitalismo que precisamos (re)apresentar aqui é que neste sistema é imprescindível o exército industrial de reserva, que se convencionou chamar de desempregados<sup>3</sup>. Estes não são diretamente explorados pela burguesia, não recebem salários e isto inviabiliza ainda mais o seu acesso aos alimentos dentro do sistema capitalista.

Por que tenho frisado que dentro do capitalismo existe a necessidade de ter dinheiro para a compra dos alimentos? Numa sociedade pós capitalista a humanidade poderia convencionar para todos os humanos a criação do direito a se alimentar sem a necessidade do uso do dinheiro. Um passo importante para construção dessa sociedade pós-capitalista aqui no Brasil, em minha opinião, seria a realização da reforma agrária<sup>4</sup>. Quando falamos em reforma agrária, principalmente os conservadores e os neoconservadores, ficam muito assustados, como se estivéssemos falando em revolução socialista. Uma reforma agrária não é uma revolução agrária e grande parte dos países de capitalismo avançado já fez sua reforma agrária. O capitalismo no Brasil se desenvolveu tendo por base a grande propriedade rural, o latifúndio, e a burguesia nacional não permitiram que se fizesse uma reforma agrária de tipo clássica burguesa no país, como as que foram realizadas na Inglaterra, na Itália, na França, nos Estados Unidos da América etc. A burguesia brasileira não permitiu uma reforma agrária de tipo socialista, como as que ocorreram, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em Cuba e na China. A burguesia nacional não permitiu nem uma reforma agrária de caráter popular, como as que aconteceram no México entre os anos 1910 e 1920 e no Chile nos anos de 1970. A reforma agrária reduziria a necessidade de dinheiro para a compra de alimentos para um grande contingente de pessoas/produtores e a produção de alimentos nessas propriedades aumentaria a oferta de alimentos e, por conseguinte, reduziria o preço desses alimentos.

---

<sup>3</sup> “Com os efeitos da pandemia pelo novo coronavírus, o segundo trimestre de 2020 encerra com taxa de desemprego de 13,3%, quantidade recorde de desalentados e o menor número de pessoas com carteira assinada da série histórica, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE” (BATISTA, 2020, on-line).

<sup>4</sup> “Nos últimos dez anos, não houve avanços em termos de Reforma Agrária. Reforma Agrária é uma política pública que leva a democratização da propriedade da terra, como bem da natureza, ao maior número possível de seus cidadãos. Nos últimos dez anos, se ampliou a concentração da propriedade da terra. E pior, concentrou inclusive nas mãos do capital estrangeiro e de empresas que não são da agricultura” (HORTA, 2012, on-line).

Em nossa sociedade há uma evidente e visível disponibilidade de bens alimentícios, vide os supermercados e armazéns abarrotados de alimentos, a fome já é sanável há muito tempo, mas, mesmo assim pessoas passam fome. São necessárias políticas públicas que lidem com esta situação, pois o Brasil só saiu do Mapa da Fome da ONU em 2014 após a implementação de ações governamentais como a criação: do Programa Fome Zero e; do Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome.

O fenômeno da fome demonstra mais uma vez o pensamento dialético da conversão da quantidade em qualidade. Os famintos são condenados a viverem e morrerem em meio à fome: nascem na miséria, em consequência do desemprego e/ou subemprego precarizado de seus genitores; crescem sentindo a intolerância em consequência da saída de seu bairro, cidade, Estado ou país por causa da migração forçada por sua situação econômica; morrem nas favelas, nas ruas, debaixo de marquises, pelas sarjetas do país etc. Os períodos de fome destes empobrecidos vão se mantendo por dias, meses, anos a fio e a morte deles será percebida pelo “senso comum” como resultante do simples curso da vida dos indivíduos, alguns irão dizer: “Para morrer só basta estar vivo”. Estes famintos não foram separados de seus meios de produção agora com seus nascimentos; essa separação se deu nas origens do sistema capitalista de produção e a fome como conhecemos também se moldou nestas origens.

O que entendemos ser fundamental para ser enfrentado por meio de políticas públicas é a erradicação do sofrimento causado pela falta de comida na boca de muitos e da miséria resultante do desemprego/subemprego, pois

a fome é uma carência natural; ela necessita, por conseguinte, de uma natureza fora de si, de um objeto fora de si, para se satisfazer, para se saciar. A fome é a carência confessada de meu corpo por um objeto existente fora dele, indispensável à sua integração e externalização essencial (MARX, 2004, p. 127).

Em uma sociedade pós capitalista poderá ocorrer a superação desta expressão da questão social que é a fome, no sentido de falta de alimentos para muitos, e, também, a superação da pobreza criando uma forma de sociabilidade em que não exista o tempo de trabalho socialmente necessário, relacionado à duração do “mais-trabalho” ou “mais valia” e, assim, obteremos maior tempo livre. Claro que isso só será possível após a superação da pobreza com a chegada da sociedade pós capitalista, na qual “forças produtivas também tiverem crescido e todas as fontes da riqueza coletiva jorrarem em abundância” (MARX, 2012, p. 32). A apreensão e compreensão dos elementos contidos nesta fração da realidade social, discutida e contida neste pequeno texto, é fundamental para percebermos o capitalismo como “totalidade dialética”, a fome é uma expressão da questão social, um elemento nesta totalidade e isto

possibilita nos posicionarmos com o objetivo de não nos adequarmos ou enquadrarmos à “ordem” ou aos chamados “novos tempos”. Aprofundar as questões levantadas sobre o tema da fome é fundamental, mas entendermos as contradições e mediações que conectam ela ao capitalismo é primordial, pois este entendimento nos possibilita desvendar o real e contribuir para sua transformação. Precisamos ter clareza de que a “história é feita pelos homens e a simples percepção teórica do real não os transforma em agentes revolucionários”, mas “o compromisso ético-político com as classes que hoje vivem da venda de sua força de trabalho é um dos principais elementos na tomada de decisão em função de uma transformação estrutural da sociedade” (ANDRADE, 2015, p. 184).

#### REFERÊNCIAS:

BATISTA, Vera. Taxa de desemprego sobe a 13,3% no trimestre até junho, diz IBGE. In: **Jornal Correio Braziliense**. 06 de agosto de 2020. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/08/06/internas\\_economia,878933/taxa-de-desemprego-sobe-a-13-3-no-trimestre-ate-junho-diz-ibge.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/08/06/internas_economia,878933/taxa-de-desemprego-sobe-a-13-3-no-trimestre-ate-junho-diz-ibge.shtml) Acesso em: 10 de nov. de 2020

ANDRADE, Renato. **Serviço Social, gestão e terceiro setor: dilemas nas políticas sociais**. São Paulo: Saraiva, 2015.

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. **El Estado de la Seguridad Alimentaria y la Nutrición en el Mundo: Fomentando la Resiliencia Climática en Aras de la Seguridad Alimentaria y la Nutrición**. Relatório. FAO: Roma, 2018. Disponível em: <http://www.fao.org/3/I9553ES/i9553es.pdf>. Acesso em: 05 de outubro de 2020.

HORTA, Celso. “Governo abandonou Reforma Agrária iludido com agronegócio”, diz Stédile. Entrevista com o coordenador do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). **Jornal ABDC MAIOR**. 13 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://mstsergipe.blogspot.com/2012/12/>. Acesso em: 15 de dez. de 2013.

JIMÉNEZ, C. Bolsonaro: “Falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira, é um discurso populista”. **Jornal El País**. 19 de julho de 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/politica/1563547685\\_513257.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/politica/1563547685_513257.html). Acesso em 10. nov. de 2020.

LINDNER, Julia. Mourão culpa auxílio emergencial por aumento de preços dos alimentos. In: **Jornal Bem Paraná**. 09 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticia/mourao-relaciona-alta-nos-precos-de-alimentos-a-pagamento-de-auxilio-emergencial-757#.X1vBHnlKi00>. Acesso em: 09 de set. de 2020.

MARX, Karl. **Crítica ao programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política; salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

NETTO, José Paulo. Cinco notas a propósito da “questão social”. **Revista Temporalis**. Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Ano. 2, nº. 3 (jan/jul. 2001). Brasília: ABEPSS; Graflin, 2001.

COMO CITAR ESTE TEXTO:

ANDRADE, Renato Almeida de. Por que sou contra a “fome” na atualidade? In: **Projeto Antíteses**. Brasília: POLITIZA/PPGPS/UnB, 2021.